

Memória e Esquecimento – Por outra Escrita da História em Nietzsche

Raylane Marques Sousa*

Resumo

O propósito deste artigo é explicitar como Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) trata a história em sua obra. Assim, no primeiro momento, investiga-se o que o pensador alemão compreende por história, levando em conta os diferentes momentos de seu percurso intelectual, bem como as injunções teóricas e históricas às quais sua reflexão está submetida. Em seguida, distingue-se semelhante pensamento a partir da análise de dois problemas apontados por Nietzsche como sendo os responsáveis pela degeneração e estioação da história, a saber: a objetividade (*Objektivität*) e o sentido histórico (*historische Sinn*). Por fim, averigua-se a proposta de uma outra Escrita da História em Nietzsche.

Palavras-chave: Nietzsche; História; Memória-Esquecimento; Escrita da História.

1. A Concepção Moderna de História, a Escola Histórica Alemã e Nietzsche

No final do século XVIII e limiar do século XIX, a Alemanha se encontra diante de problemas substanciais que influenciam decisivamente na posição assumida pelos seus historiadores de ofício. Como apontam o historiador espanhol Josep Fontana e o sociólogo alemão Norbert Elias, dois problemas são mais urgentes: 1) promover a unificação política dos estados-nação e 2) investir na modernização alemã, abstendo-se da via revolucionária, alternativa então seguida pela França. (FONTANA, 2004: 221; ELIAS, 2012: 35-84). Tais problemas desencadearam algumas consequências: 1) A elevação do rei da Prússia ao estatuto de imperador (*Kaiser*), bem como a promoção de Berlim, a capital da Prússia, a capital do império (*Kaiserreich*); 2) A aceleração do processo de modernização e especialização da economia e 3) O redirecionamento dos estabelecimentos de ensino, principalmente das

*Graduanda em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-História/MEC-Sesu) E-mail: marques.raylane@gmail.com. O presente trabalho é orientado por Frederico de Castro Neves, Doutor em História; Professor da Graduação e da Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

universidades, para atender as demandas da produção e do mercado, ou seja, tratava-se de formar a inteligência a serviço da propriedade e do lucro, e não a serviço da vida (ELIAS, 2012: 35-84; SOBRINHO, 2012: 14-19).

A abertura encontrada pelos intelectuais alemães para promover a integração dos estados e incentivar a modernização das unidades que compunham a Alemanha no período é via unidade cultural, e esta pautada na língua alemã. Movidos por esse intuito, os estudiosos alemães trabalham para resgatar elementos considerados representantes da cultura nacional, como mitos, poesias, leis antigas, crônicas medievais. Tais elementos, ao serem reunidos, deveriam contribuir para a criação de um passado clássico comum aos alemães e para a construção da identidade do povo alemão. No mesmo trilho, seguindo o longo processo alemão de unificação política, apresenta-se a consolidação da história como ciência nas universidades alemãs da época.

Naquele período, a história não goza ainda de um estatuto de cientificidade e busca, portanto, a instauração do mesmo, para se legitimar como ciência empírica. Tendo em vista isso, inicialmente, a história faz uso dos métodos de crítica erudita, pegos emprestados do campo da filologia clássica, e tenta aperfeiçoá-los à maneira do trabalho do historiador. O então responsável por introduzir na historiografia alemã o método de crítica erudita da filologia clássica é o historiador alemão Georg Niebuhr.¹ Não obstante, o comumente disseminador do “método científico” na historiografia alemã é Lepold Von Ranke², com suas abstrações sobre o estudo dos fatos passados (FONTANA, 2004: 224-225). Também nesse movimento que visa conferir à história um estatuto de cientificidade aparecem como importantes colaboradores os discípulos de Ranke, como Johan Gustav Droysen³ e Jacob Burckhardt⁴, entre outros. O primeiro alcançou notabilidade através de seus cursos de metodologia da história; o segundo, a partir dos estudos inovadores sobre história da cultura. É, precisamente, nessa circunstância, em que a história se esforça para garantir um regime de

¹ Georg Niebuhr (1776-1831), historiador alemão. Trata-se de um autor citado por Nietzsche, na II Consideração Extemporânea, quando o filósofo se refere à importância da atmosfera a-histórica para a produção de todo grande acontecimento histórico.

² Lepold Von Ranke (1795-1886), historiador alemão. É considerado o fundador do historicismo alemão, vertente que Nietzsche tanto critica em seus escritos de juventude. No entanto, Nietzsche o cita várias vezes em sua obra, admirando seu estilo de escrever sobre os fatos passados.

³ Johan Gustav Droysen (1808-1884) estudou em Berlim com Hegel. Ele é contra o Positivismo e a favor do Historicismo.

⁴ Jacob Burckhardt (1818-1897), historiador suíço da cultura e amigo de Nietzsche na Universidade da Basileia. Em consonância com a concepção de cultura desse autor, Nietzsche desenvolve o seu ideal de cultura.

cientificidade, que o filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) escreve sobre a História e a Cultura Histórica Alemã.

Antes de mais nada, sigo as críticas que Nietzsche faz ao “objetivismo de eunucos”, à “febre do sentido histórico” e ao “excesso de memória”. Elas preparam o caminho para a nossa compreensão a respeito do tema Nietzsche e a História. Entretanto, delinea esta discussão a crítica do pensador alemão ao excesso de memória, e, principalmente, a solução apontada por ele para superação de tal problema: a adoção do contraposto, o esquecimento. Trata-se para mim apenas de apresentar uma contribuição para a compreensão da temática abordada neste artigo. Oriento-me, principalmente, pela obra: “*II Consideração Intempestiva: Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida (1874)*”.

2. A História-Ciência (*Geschichtswissenschaft*) como problema na Alemanha Pós-Guerra Franco-Prussiana e Unificação Alemã

Cada uma dessas três concepções da história só é legítima quando referida a um solo e a um clima particulares: em qualquer outro lugar, elas se tornariam uma excrescência parasitária e devastadora. Quando um homem que quer fazer grandes coisas tem necessidade do passado, é por intermédio da história monumental que ele se apropria deste passado; ao contrário, aquele que se compraz com a rotina do hábito e o respeito pelas coisas antigas cultiva o passado como historiador tradicionalista; somente aquele que é oprimido pelo presente e quer a todo custo livrar-se deste fardo sente a necessidade de uma história crítica, quer dizer, de uma história que julga e condena. A transposição imprudente destas espécies ocasiona muitas desgraças: o espírito que critica sem necessidade, aquele que conserva sem piedade e aquele que conhece a grandeza sem ser capaz de realizar grandes coisas são como aquelas plantas que, arrancadas do seu solo originário, retornam ao estado selvagem e degeneram. (NIETZSCHE, 2005: 90).

Em sua *II Consideração extemporânea*, Nietzsche aponta três possibilidades de se conhecer o passado, a saber: a história monumental (*monumentalische Geschichte*), a história tradicionalista (*antiquarische Geschichte*) e a história crítica (*kritische Geschichte*). Na descrição que o filósofo faz dessas três perspectivas de avaliação do passado, ele deixa entrever contundentes críticas ao saber histórico promovido pelos historiadores cientificistas alemães modernos. O filósofo enfatiza que tal conhecimento histórico não passa de um saber nocivo à cultura, e isto porque os historiadores oitocentistas entendem o tempo apenas como sucessão de acontecimentos, e o passado apenas como reservatório dos fatos encadeados entre si. Tal forma de saber ignora as temporalidades históricas e a vida em prol de uma objetividade factual ilusória.

Não obstante, Nietzsche não deprecia o valor dos estudos históricos, pelo contrário, ele afirma que a vida tem necessidade do serviço da história. A crítica do autor repousa sobre o “método científico” utilizado pelos historiadores modernos na decomposição e análise dos fatos históricos. Segundo Nietzsche, tal forma de dissecação dos fatos históricos ignora a contribuição e, porque não, a parcialidade da subjetividade humana, e colabora para a reprodução de um tipo de “cultura histórica” preocupada apenas com a cultivação dos fatos passados, portanto sem qualquer liame com a vida.

Para Nietzsche, o problema da ciência moderna e, em específico, da ciência histórica, está no método de busca da verdade dos fatos, que não aceita instâncias, intermediários, entre o conhecimento e sua aplicação na prática. Ainda segundo Nietzsche, a ciência moderna, e neste meio se inclui a ciência histórica, é um mal degenerador porque promove a cisão entre o conhecimento e a vida, isto é, entre um conhecimento, que quer ser puramente objetivo, comprovável cientificamente, e a vida, a subjetividade humana, a interioridade daquele que conhece. De fato, a intenção da ciência moderna é superar pela via do conhecimento objetivo dos fatos a causalidade, o fortuito, o contingente, da experiência subjetiva humana. Contra esta pretensão da ciência moderna e dos homens modernos à verdade objetiva dos fatos e exclusão total do elemento subjetivo na elaboração do conhecimento, Nietzsche insurge-se em sua obra. Diante do exposto, acredita-se que a objetividade (*Objektivität*) ilusória é um dos problemas que afetam a história na modernidade.

Entretanto, Nietzsche ainda evidencia outro, de natureza diversa, mas que está em correspondência com o problema outrora explicitado, qual seja: a doença moderna do sentido histórico (*historische Sinn*) de todas as coisas. Na análise de Nietzsche, a ciência histórica na modernidade é contagiada pela febre do sentido histórico, do historicismo, o qual toma todo saber como saber histórico composto por fatos isolados, autônomos, progressivos, teleologicamente orientados, o que a faz deixar de lado o fortuito, o casual, o contingente, próprio da subjetividade humana.

Com efeito, segundo Nietzsche, o que há de prejudicial no excesso de sentido histórico na modernidade é o perigo de sacrificar o presente em detrimento de uma fixação pelo passado. Assim, para determinar até que ponto a abordagem histórica é salutar para o indivíduo, para o povo ou para a cultura (*Kultur*), Nietzsche sugere que seja desenvolvida a “força plástica”, força criadora, remodeladora do passado, que delimite até que ponto o passado deve ser esquecido, ou o inverso, até que ponto deve ser lembrado. Para medir o

grau de “força plástica” do indivíduo, do povo ou da cultura em questão, “força que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstituir por si próprio as formas destruídas” (NIETZSCHE, 2005: 73), o filósofo alemão afirma que é necessário ter uma natureza com raízes profundas e vigorosas, porque assim maior é a parte do passado que o indivíduo pode assimilar ou acolher. Se tal natureza não pode mais abarcar qualquer acontecimento passado, longínquo ou próximo, ela o esquece; o horizonte está fechado e nada mais se pode lembrar para além desse horizonte. Do contrário, uma natureza fraca, sem raízes profundas e fortes, que não reconhece limite, de tudo se apropria; atrai para si qualquer acontecimento passado, é egocêntrica. Não reconhece, portanto, a “lei geral” que diz que “cada ser vivo não pode ser sadio, forte e fecundo senão no interior de um horizonte determinado” (NIETZSCHE, 2005, 74). Não traçar em torno de si um horizonte delimitador é anunciar a própria sentença de morte.

Na ótica de Nietzsche, os historiadores devem investigar o passado, mas tendo sempre em vista o presente, que é o campo suscetível para mudanças e criação do novo. Para o filósofo, na análise sequencial dos fatos, e nisto reside o problema dos historiadores modernos, eles se voltam ao passado e nele se enclausuram, o que causa a negação do presente e do futuro em detrimento de uma parcela do passado. Assim sendo, Nietzsche propõe como conveniente à vida três formas de se investigar o passado:

a) *História Monumental:*

A partir do conceito de história monumental, Nietzsche faz uma crítica aos historiadores que tomam como dignos de imitação unicamente os exemplos dos grandes homens, e descartam assim o valor dos feitos dos homens comuns do presente. O autor alemão defende o estudo daquilo que a antiguidade produziu de clássico, mas afirma que é impossível o retorno regular do clássico, devido às mudanças e às deformações ocorridas pela passagem do tempo.

Para Nietzsche, enquanto a historiografia alemã moderna se basear na história monumental, fechando-se somente na análise dos feitos dos grandes homens do passado e esquecendo-se dos feitos dos homens do presente, a história será uma deformação do real, tal como ele acredita ser a poesia. Sobre esse tipo de história, o autor alerta que o homem tem

sim necessidade do estudo do passado, para realizar grandes coisas, mas não pode deixar que os mortos enterrem os vivos, isto é, não pode deixar que o passado enterre o presente.

b) *História tradicionalista:*

A mais dura crítica de Nietzsche é contra esse modo conservacionista de fazer história. Segundo o filósofo, os historiadores conservacionistas são aqueles que cultivam, se possível, todos os objetos do passado, como um “ferro-velho ancestral” (*Urväter-Hausrath*), onde tudo o que é bolorento, velho, é digno de ser guardado como patrimônio para a sociedade vindoura. Esta forma de avaliar o passado, atribuindo às coisas grandes e pequenas um valor semelhante, Nietzsche considera um erro irreparável. Trata-se de um problema avaliar tudo a partir da mesma escala de valores, porque as coisas minúsculas passam a ter a mesma importância dada às coisas mais excelentes.

Sobre esse tipo de história, o autor afirma que a paixão pelo antigo e, conseqüentemente, a veneração do pretérito, desencadeia no historiador moderno um espírito colecionador, de forma que o novo, o que está em vias de florescer, é rejeitado e esquecido em detrimento do velho, do bolorento. Quando a história deixa de servir ao presente para tornar-se colecionadora do passado, ela perde o seu fôlego, o que a degenera e a faz sucumbir. É contra esse tipo de história que Nietzsche insurge-se com mais força em sua obra.

c) *História crítica*

Além da forma monumental e tradicional de investigar o pretérito, tem-se um terceiro modo, o crítico. Para Nietzsche, a história crítica tem a função de interrogar o passado, colocando-o frente ao tribunal da história, para julgá-lo de acordo com as inquietações propostas pelo presente. O problema desta forma de se olhar o passado está no exacerbado senso de justiça que o historiador desencadeia, o qual o faz condenar todo o passado, porque o sentimento de justiça não pode ser considerado imparcial. Desta forma, o seu veredito é sempre a favor de uma determinada época em detrimento de outra.

A busca incessante pela justiça leva o historiador moderno a condenar toda forma de injustiça, isto é, todas as formas de representação do passado. Segundo Nietzsche, a solução para não condenar todo o passado é exercitar o esquecimento. Ao esquecer um determinado recorte do passado, a vida ganha seu fôlego e se desenvolve. Entretanto, assim como a vida

exige o esquecimento para poder se desenvolver, ela também exige que se rasgue o véu nebuloso que envolve todos os fatos. Para isto, é necessário o uso da justiça, que é sempre injusta em suas formas de examinar o passado.

Esse tipo de história, cuja divisa é: “Faça-se a verdade, ainda que o mundo pereça” (*Fiat veritas, pereat vita*), na opinião de Nietzsche, é um processo perigoso para vida, porque um julgamento incoerente de determinada época pode desencadear no presente e no futuro algo ruim para a saúde de um homem, de um povo, de uma cultura (*Kultur*).

O importante ao analisar essas três formas de se lembrar o passado é perceber como Nietzsche sugere que o homem moderno, o homem reprodutor da “cultura histórica”, pense sobre o passado, não de forma factual, apenas como o que já passou, mas como baliza para se pensar o presente e projetar o futuro.

3. Por outra Escrita da História em Nietzsche

Uma leitura atenta da “*Segunda intempestiva*” permite entrever dois pontos que embasam o que por ora defende-se aqui, a saber: a emergência de uma nova escrita da história a partir de Nietzsche. O filósofo alemão demarca ao longo da sua obra de juventude, primeiro, como o próprio título da “*Segunda intempestiva*” sugere “*Da utilidade e da desvantagem da história para a vida*”, a necessidade e o risco da história para a vida; segundo, a importância da memória e do esquecimento, que tornam o saber histórico possível. Este segundo ponto é determinante para a compreensão desta reflexão que se traz a lume.

A história foi objeto privilegiado de inúmeras reflexões no considerado por excelência “século da História”: o século XIX (GUÉRON, 2003:121). Não só porque se tratava de um saber em processo de institucionalização nos espaços universitários da Alemanha no começo daquele século, mas, sobretudo, porque sinalizava o advento de uma nova “cultura histórica” (*historische Bildung*), a qual combinava História, numa perspectiva nacional, e disciplina histórica acadêmica, definida por princípios científicos e objetivos no trato do passado da humanidade (GUIMARÃES). Assim sendo, entre os historiadores alemães do período, a história foi reduzida à mera escrita da História, a qual era responsável tão-somente pela legitimação do projeto nacional. Nesse sentido, inexistia no seio da nova “cultura histórica” que se formava no interior das instituições acadêmicas alemãs a possibilidade de emergência de uma outra escrita da História alternativa a esse projeto.

Não obstante, a obra do filósofo alemão Nietzsche apresenta um outro conceito de história em contraposição à história (*Geschichte*) produzida pela nova “cultura histórica” alemã que se formava em sua época. Na concepção de Nietzsche, a história tem um novo sentido e uma nova direção, não mais aquele sentido e aquela direção abraçada pelos historiadores alemães modernos. Estes concebiam a história como sendo o relato dos fatos (realizações) do passado e como sendo um conhecimento puramente científico, racional, metódico, advindo da investigação imparcial de tais fatos, e cuja orientação temporal encontrava alento na história universal (princípio-meio-fim). Nietzsche, por sua vez, concebe a história como sendo afirmativa da vida, da existência, no presente, e a sua transposição para a forma escrita, como sendo o registro, com estilo, das mutações inerentes à vida. Tal concepção de história orientava-se contrariamente à ideia de tempo da história universal, e assegurava a temporalidade histórica. Com a promoção desse novo modelo de história, Nietzsche afirma a vida e a sua manifestação no presente.

Ora, o segundo ponto do debate que Nietzsche fomenta na “*Segunda intempestiva*”, sobre as funções da memória e do esquecimento, tem a ver com a produção da narrativa histórica e com a emergência de uma nova escrita da história. Semelhante ponto de discussão é atravessado pela afirmação do “instante extraordinário”. No aforismo 341, intitulado “*O mais pesado dos pesos*”, contido no quarto livro da *Gaia Ciência*, é possível vislumbrar o que Nietzsche declara ser o “*instante extraordinário*” ou o pensamento do “*eterno retorno do mesmo*”:

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta tua vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e cada suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!” – Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falastes assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!” Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar de bem contigo mesmo e com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela?(NIETZSCHE, 1983:209).

Para Nietzsche, o presente tem a função de rearranjar, no “instante extraordinário”, o passado e o futuro. O passado é o que já passou, e o futuro, aquilo que ainda será realizado. Logo, o presente, comportando o “instante extraordinário”, uma reunião do passado com o futuro, seria presente constante, em contínua reatualização. Com isso, Nietzsche não quer confirmar a existência de um excesso de presentismo, mas sim que o presente é o único campo concreto da experiência humana, no qual é possível sempre se reatualizar, se remodelar, em outras palavras, afastar o velho (o passado) e acomodar o novo (o futuro), sem, portanto, aprisionar o passado e futuro de antemão. Com essa declaração, Nietzsche desarranja a concepção determinista de história proposta pela “cultura histórica” oitocentista, em que o passado é apreendido e submetido ao crivo da análise científica, e o futuro é inutilmente domesticado e não percebido como realização do novo.

Admitir a emergência de uma nova escrita da história pautada no “instante extraordinário” é assumir a importância da memória e do esquecimento para a produção do sobrevir histórico, momento “em que se cunha uma nova experiência de realidade” (CASANOVA, 2003: 217). A realidade, ou o presente, segundo Nietzsche, é a junção do passado e do futuro: o passado, que já não é, e o futuro, que também ainda não é, em concordância formam o presente, a totalidade que é.

O acontecer histórico, por sua vez, irrompe da querela entre o passado e o futuro no presente. Semelhante disputa ocorre no momento de imprimir a história na memória, isto é, reconhecer a importância do “acontecer” na totalidade da história, extraí-lo do fluxo descontínuo e total do tempo e transpô-lo para o singular registro escrito. A memória e o esquecimento participam ativamente desse processo. A memória transforma a passagem do tempo em passado e num segundo momento em história. O esquecimento, por sua vez, impede que a memória transforme o passado em um bloco rígido de fatos históricos encadeados, sem qualquer relação com o presente e com a vida. Essa relação de disputa e, conseqüente sobreposição, da memória sobre o esquecimento, e o contrário também é verdadeiro, é própria a escrita da História.

Por fim, para entender as condições de uma nova escrita da História em Nietzsche é necessário considerar as diferentes representações do passado, que o autor deixa entrever em sua obra, reconhecendo-as como inscritas num tempo e lugar. Em seguida, é necessário reconhecer esta escrita “como resultado de disputas entre memórias, de forma a compreendê-la como parte da luta para dar significado ao mundo” (GUIMARÃES).

Bibliografia

Fontes

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. *Considérations Inactuelles I et II: David Strauss, l'apôtre et l'écrivain - De l'utilité et des inconvénients de l'histoire pour la vie* suivi de *Fragments Posthumes (été 1872 - hiver 1873-1874)* (ŒUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLÈTES, II, 1) [1990], trad. de l'allemand par Pierre Rusch. Édition de Giorgio Collet Mazzino Montinari, 552 pages.

_____. *Escritos sobre história* (Org: Noéli Correio de Melo Sobrinho). Trad. Noéli Correa de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2005.

_____. Gaia Ciência. In: *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Bibliografia complementar

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *Las Escuelas históricas*. 2ed. Madri: Akal, 2004.

CASANOVA, Marco Antônio. *O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FONTANA I LAZARO, Josep. Historicismo e nacionalismo. In: *A história dos homens*. Tradução: Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando Da Costa. São Paulo: EDUSC, 2004.

GUÉRON, Rodrigo. Como Nietzsche compreende “história” e a descrição do “século da história”. In: Barrenechea, Miguel angel de; Feitosa, Charles; pinheiro, Paulo (org). *Assim falou Nietzsche IV: A fidelidade á terra*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 127-137.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido*. http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Manoel_Luiz_Salgado_Guimaraes.pdf

HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIMA, Márcio José Silveira. *Nietzsche e a história: o problema da objetividade e do sentido histórico*. Cadernos Nietzsche. Nº. 30, 2012, p. 161.

MARROU, Henri Irénée. *Do conhecimento histórico*. Tradução: Ruy Belo. 2 ed. Lisboa: Editorial Aster, 2007.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, filósofo da suspeita?* Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.

_____. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000b.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3 ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2006.

_____. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2011.

SAMPAIO, Alan. Fronteiras da História. Cadernos Nietzsche. Nº 18, 2005. p. 37-67.